



Sérgio Rossi Filho é editor contribuinte da revista *Professional Publish*, autor de livros e consultor especializado em impressão offset e no segmento de papel e celulose.

O setor gráfico ainda sofre do estigma da falta de boa formação profissional

TREINAMENTO: a única saída

As etapas da produção gráfica envolvem um número grande de variáveis, que se inter-relacionam e conferem complexidade aos processos. Desde o momento da concepção da idéia até o acabamento, centenas de variáveis estão diretamente ligadas à qualidade final do impresso.

As transformações tecnológicas ocorridas nos últimos anos, em especial nas áreas de pré-impressão e impressão, obrigaram as empresas a fazerem investimentos e adaptações não planejados. Até que o resultado não foi tão ruim assim! Considerando o curto espaço de tempo (apenas 5 ou 6 anos), as empresas conseguiram assimilar a nova realidade do mercado.

Isso demonstra a grande capacidade de adaptação da indústria gráfica e dos técnicos envolvidos com a produção. Entretanto, o descuido com a formação técnica dos profissionais continua o mesmo, ou seja, praticamente nenhuma formação, comparada ao enorme investimento em equipamentos. As conseqüências desse fenômeno são evidentes: produtividade baixa, custos elevados e qualidade nivelada "por baixo", com raríssimas exceções.

Minha experiência em consultoria permite fazer uma série de afirmações que, embora desagradáveis para quem vive o problema, expressam a realidade:

- [a] os técnicos da área de pré-impressão pouco conhecem as variáveis dos processos de impressão. Muitos problemas comuns, que ocorrem durante o processo, poderiam ser evitados se os operadores de aplicativos soubessem das implicações técnicas da impressão;
- [b] os montadores poderiam evitar uma série de problemas na produção se dominassem alguns conceitos como sentido de fibra do papel, variação dimensional do papel, eletricidade estática, entre outros;
- [c] os gravadores de chapas deveriam dominar as variáveis do processo de preparação de chapas, como tempo de exposição, vácuo, iluminação,

temperatura, reação ao escuro, revelação etc;

- [d] os impressores são os que precisam conhecer e gerenciar o maior número de variáveis de processo. Além do acerto da impressora, é necessário ter um domínio razoável de todos os insumos envolvidos no processo: papel, tinta, solução de molhagem, blanqueta etc.

Como é possível perceber, o nível de formação desses profissionais precisa ser compatível com o nível de complexidade dos equipamentos e dos processos, mas não é isso que temos observado. Assim, podemos levantar alguns pontos bastante pertinentes ao empresariado:

- [1] a velocidade média das impressoras planas de última geração, bastante automatizadas, gira em torno de 5.500 a 6.000 folhas/hora, enquanto o esperado é cerca de 10.000 a 12.000 folhas/hora. Isso equivale dizer que a capacidade de produtividade aproveitada é de apenas 50%;
- [2] o tempo de acerto dos trabalhos em quatro cores é superior a 40 minutos, quando deveria ser inferior a 25 minutos. Esses valores não aparecem nos controles das empresas, porque as interrupções durante a produção não são corretamente computadas.
- [3] as variações de qualidade atingem limites altíssimos por causa de interrupções de produção e de manipulação incorreta dos insumos.

Alguns empresários com os quais costumo conversar aparentam não acreditar em treinamento, alegando que os profissionais bem treinados são alvo de assédio dos concorrentes. O mesmo acontece com gerentes e supervisores, que inibem a iniciativa de subordinados que participaram de cursos e seminários. Realmente, uma pessoa bem treinada ameaça e causa temor àqueles que não tiveram a mesma formação.

O treinamento é uma das providências necessárias e indispensáveis, apesar de não ser a única, para a mudança desse paradigma, e é também um fator para a sobrevivência das empresas. **P**